

Do cotidiano à rua, variações do “ser” travesti: Litoral Norte da Paraíba

Verônica Alcântara Guerra

UFPB, Brasil. Aluna do curso de bacharelado em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba, campus IV LN. Departamento de Ciências Humanas. Linha de pesquisa: Antropologia Urbana. E-mail: well_guerra@yahoo.com.br

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivos observar, descrever e interpretar a construção de identidades de gênero e redes de relações entre travestis na região de Mamanguape, Rio Tinto, Baía da Traição, Pôde-se observar uma fluidez da identidade de gênero e dos relacionamentos de socialização que há entre as travestis do Litoral Norte da Paraíba, através de pesquisa participativa com as travestis do Vale do Mamanguape. A todo o momento elas reconstruem e desfazem suas redes de relações e apresentam uma constante mobilidade por países, estados, cidades e residências na região. Esta fluidez apresenta-se não somente pela ocupação que exercem como prostitutas, mas pelo modo como constroem sua identidade e tecem sua sociabilidade

Palavras chave: Travestis; Sociabilidade; Mobilidade.

ABSTRACT: This research aims to observe, describe and interpret the construction of gender identities and networks of relationships between crossdressers in the region of Mamanguape, Rio Tinto, Baía da Traição. Could notice a fluidity of gender identity and relationships of socialization, which are among the crossdresser of the North Coast of Paraíba, through participatory research with crossdressers of Vale do Mamanguape. All the times they break up and rebuild their networks of relationships and have a constant mobility across countries, states, cities and residences in the region. This fluidity has not only engaged in the occupation as prostitutes, but the way they construct their identity and weave their sociability.

Keywords: Crossdressers; Sociability; Mobility

1 Introdução

Intermediando as capitais João Pessoa/PB e Natal/RN encontra-se Mamanguape¹, situada na BR 101; via de transporte terrestre que separa a cidade em duas partes

¹ Os indicadores sociais de Mamanguape e Rio Tinto estão entre os piores da Paraíba: expectativa de vida na ordem de 58,7 anos, taxa de mortalidade infantil de 67,4 por 1.000 crianças nascidas de 0 até um ano de idade e a taxa de analfabetismo da população de mais de 15 anos de 46%. Em 2003, apresentava um PIB na ordem de R\$ 492.656 mil, representando apenas 3,6% do PIB paraibano (IBGE). Pelo Censo 2000, Mamanguape apresentava 50% de seus habitantes sem nenhuma renda enquanto que Rio Tinto acompanha este quadro: 47% sem rendimento. Mesmo considerando a posição que ocupa o Estado, como detentor da terceira maior taxa de analfabetos entre os estados nordestinos. Segundo o IDEB (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

distintas, de um lado encontra-se o centro, comércio, prefeitura e hospital, e do outro, bairros periféricos tais como Planalto, Areal e Cidade Nova. É umas das principais vias de acesso para Rio Tinto, cidade que foi erguida em função da Companhia de Tecidos de Rio Tinto, e Baía da Traição. No Litoral Norte paraibano é a região que abriga o maior número de índios potiguara da Paraíba.

Mamanguape possui cerca de 40.000 habitantes e é cortada pela BR 101, fato que favorece a prostituição de mulheres e travestis que têm como principal ponto de trabalho o posto de fiscalização da divisa entre a Paraíba e Rio Grande do Norte, e cabarés que estão situados na margem da BR 101, que funcionam 24 horas, mas seu dinamismo dá-se na parte da noite. Já em Rio Tinto com 23.023 habitantes, desconhecemos pontos de prostituição de travesti e mulheres, há quem diga que não tem, pois o único cabaré, que era gerenciado por dona Maria localizado na aldeia Montemor, que era um antigo bairro da cidade que é dividido por uma ponte do centro comercial, foi extinto após a sua morte, no final da década de 90. A Baía da Traição tem 7.567, e boa parte de sua população é da etnia potiguara e sua economia dar-se basicamente pela pesca em auto-mar.

Essa pesquisa tem como objetivos observar, descrever e interpretar a construção de identidades de gênero e redes de relações sociais entre travestis da região do Litoral Norte Paraibano, pois no cotidiano das travestis surgem vários fatos sociais coexistentes no cotidiano trivial da sociedade, mas elas (as travestis) parecem estar distante da realidade social existente, não se leva em consideração que elas ajudam a família, cuidam dos maridos, vão às festas e trabalham; ações essas que reproduzem o dia-a-dia habitual de muitas pessoas.

Desejamos, aqui, entender a construção da identidade do “ser” travesti, não como marginais sociais ou do social, mas como seres humanos que fazem parte do contexto social existente, levando-se em consideração que eles são seres de direito e deveres.

2 Lugares de observação na cidade de Mamanguape

A pesquisa em Mamanguape teve como cenário quatro pontos importantes. Primeiro, o *Areal*, bairro periférico de ruas esburacadas e córregos a céu aberto, composto por uma população de baixa renda. Em boa parte das tardes, pessoas ficam sentadas em cadeiras de balanço e nas calçadas na frente de suas casas, crianças correm de um lado para outro, moto-taxistas ficam parados na esquina, chamando atenção das meninas e travestis que por ali trafegam, vendedores ambulantes de tapiocas, bolos e roupas transitam pelas ruas. As travestis costumam circular pelo salão de beleza D’areal que é um *point* de informação acerca das notícias e do que acontecem com travestis e gays da região. Segundo, o centro da cidade, onde há um maior dinamismo, composto por bancos financeiros, supermercados, lojas de roupas e utensílios domésticos, drogarias, *pet shopping* e salões de beleza. Terceiro, os clubes de festa, onde as atrações musicais predominantes são bandas de forró e de brega, que atraem público de todas as idades, inclusive as travestis. Quarto, os postos de gasolina

Educacionais Anísio Teixeira), em 2005, a taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais era de 33,7% em Rio Tinto e de 38,3% em Mamanguape.

em Mamanguape, adjacentes à BR 101, os quais as travestis usam como ponto de prostituição, compartilhados também por mulheres, contudo, cada grupo ocupando um território determinado, mas que não deve ser ultrapassado. Há uma única exceção, da travesti Celebridade, filha do dono de um dos cabarés que fica ao lado da BR 101, que está autorizada a dividir o espaço e as experiências com mulheres prostitutas. Muitas travestis também se deslocam até o posto fiscal da divisa entre os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, geralmente, de carona com caminhoneiros, já que eles são seus clientes mais frequentes.

3 Construção de identidades fluidas

A todo instante foi possível observarmos uma elasticidade de identidade com algumas travestis do litoral norte paraibano, no entanto, não existe um consenso coletivo quanto a sua identidade. Algumas definem-se travestis, pois “nasceram assim”. Outras, vestem-se de mulher, mas afirmam que podem voltar a ser homens, pois ser travesti estaria ligado a uma fantasia que a qualquer momento pode acabar.

Entendemos “gênero” a partir de Joan Scott (1998), que se refere ao discurso da diferença dos sexos. “Ele não se refere apenas à ideia, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais”. A identidade de gênero não se reproduz na realidade biológica primária, mas ele vai construindo o sentido dessa realidade culturalmente.

Ser travesti, segundo Larissa Pelúcio (2005, p 9)², é algo contínuo e sem fim, que se dividiria nas seguintes etapas:

a primeira delas é quando se é ainda “gayzinho” [...]. A fase seguinte é “montar-se”, vestir-se com roupas femininas, maquiarse a modo de esconder as marcas da barba [...]. Terceiro momento é o da “transformação”, uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver depilação dos pêlos do corpo e vestir-se cada vez mais frequentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial da ingestão de hormônio [...] e finalmente, a quarta etapa, quando já se é travesti, além do consumo de hormônios, vestem-se todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e planeja injetar silicone nos quadris e nádegas.³

Entretanto, “ser travesti” no Vale do Mamanguape não é só a materialização de do desejo de passar-se por mulher na sociedade em que vivem, mas uma forma de sobrevivência através da prostituição, seja no Litoral Norte paraibano, ou no exterior. Marta, travesti da cidade de Mataraca- PB, interior da Paraíba, relatou que já foi estuprada por diversas vezes, e que exerce a profissão não por gosto mais por necessidade, e nas palavras de Marta “aquelas pessoas que quando a gente passa fica

² Larissa Pelúcio é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos e tem experiência nas áreas de Antropologia e Sociologia. Suas pesquisas abordaram temas como sexualidade, saúde, corporalidade, travestis e gênero.

³ Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.217-248.

falando coisa, eles pensa que a gente é assim porque a gente gosta; certo, tem umas que são assim por querer, mais nem todas”.

Nessa linha de pensamento, podemos perceber que as formas femininas dadas a corpos biologicamente masculinos transcendem o desejo de ser mulher, para tornarem-se fonte de lucro e bem-estar financeiro, já que muitas das travestis não tiveram o apoio da família e foram expulsas de casa quando eram apenas adolescentes, deixando de estudar, não alcançando a instrução básica necessária para se inserir no mercado de trabalho formal.

Nas palavras de Claudia, travestida da aldeia Camurupim, município de Marcação-PB, ser travesti está relacionado ao momento, ou seja, a uma fase da vida que pode passar a qualquer instante:

Eu optei, até porque cada ser humano tem ou eu acho que tem, assim, capacidade de experimentar de cada coisa da vida um pouco, só sabendo aproveitar o momento. Isso para mim é um momento, se der na minha cabeça virar homem, eu corto meu cabelo, arrumo uma mulher e pronto, normal (03/08/2009)

Algumas têm receio de tomar hormônio e não poderem “virar homem” novamente e contam relatos de travestis que agora são evangélicos, ou simplesmente, cortaram o cabelo, trocaram a saia por short e “saíram da pista”. Alguns gays relataram que tem a “alma feminina, presa no corpo de homem”. Mas não se vestem como mulher e não se identificam como travestis, apesar de usarem cabelos longos, sobrancelhas delineadas, unhas feitas e vozes afeminadas. Além disso, alguns cabeleireiros gays usam nomes femininos e são conhecidos por esses nomes na sociedade onde são inseridos.

4 Do cotidiano à rua

Marta morava, com a família Raiany, na cidade de Mamanguape, na época Raiany tinha 17 anos, era casado com Zequinha, rapaz de 18 anos, que não trabalha e passa o dia inteiro na casa da mãe, sendo Marta a única que contribuía para a alimentação de oito pessoas que moravam na casa, com o trabalho que exercia como prostituta, já que Alberto, patriarca da família de Raiany estava desempregado e passava boa parte do dia bêbado. Rara eram às vezes em que Marta não ia “batalhar”⁴ no posto fiscal na divida da Paraíba com o Rio Grande do Norte, e por trabalhar durante a noite dormia boa parte do dia. Certa noite ao visitar seus pais no sítio Uruba, zona rural de Mataraca foi mordida por um cão, sendo assim levada para o hospital em Mamanguape, para que fosse medicada, retornando para casa onde morava em Mamanguape, no bairro do Areal, passou o dia posterior à mordida do cachorro, descansando e cuidando da beleza, com cabelos frisados e touca na cabeça para deixar o cabelo liso, já que naturalmente ele era ondulado, fazendo as unhas, retocando as sobrancelhas, ouvindo músicas da Banda Calypso, já que era muito fã da cantora Joelma, assistindo o filme Mundo dos macacos em DVD na sala de estar, e de vez em quando tecendo comentário sobre a história encenada e os atores a ficção.

⁴ A palavra “Batalhar” é usada por muitas travestis para designar o ato de prostituir-se.

A rotina da família era bem dinâmica, com crianças correndo de um lado para outro, brincando, brigando e chorando em um pequeno espaço físico. Alberto pai de Raiany, estava bêbado como de frequência, xingava todos que residem na casa, episódio esse que aumentava a tensão dos que lá estavam presentes. As horas passavam, a noite cai e Marta já se sentia melhor para voltar a “batalha”. O jantar da família pelo que deu para perceber era um tanto improvisado, sendo comprado com dinheiro dado por Marta, cuscuz e ovo. Zequinha o marido de Raiany também travesti, trouxe pão e refrigerante, assim todos puderam jantar.

Aproxima-se a hora de Marta começar o ritual realizado todas as noites antes de ir para “pista”⁵. Ela separa a roupa, os acessórios tais como: bolsa onde ela levava várias camizinhas, pulseiras e brincos a ser usada durante a noite, ao definir o que será utilizado durante a noite ela põe tudo sobre sua cama. Em seguida janta na cozinha junto com outros membros que moram na casa. Antes de tomar banho, ela janta cuscuz com ovo em uma embalagem plástica de doce, junto com outros moradores da residência, na cozinha, pois como ela mesma dizia: “*Como primeiro, pra depois fazer o cheque*”⁶. A louça da casa resumia-se em um prato de vidro, várias embalagens de doce, um garfo uma faca e várias colheres com o cabo torto.

Após o jantar Marta faz o cheque, retira a toca feita de meia calça e os frisos do cabelo, e volta para maquiar-se. Ela deixa transparecer um pouco de nervosismo por não estar sozinha ao maquiar-se: “eu to borrando tudo, fico nervosa quando tem muita gente”. Para não atrapalhar em seu processo de embelezamento voltei atenção para Raiany uma jovem travestis, que contava história que ocorreu na noite anterior, na qual havia brigado com o pai alcoolizado que tentava bater em Zefinha mãe de Raiany e esposa de Alberto. Raiany protegeu a mãe: “avuei no pescoço dele, ele puxou meu cabelo, bebo tem força visse”.

Entre uma história e outra de violência e pobreza narrada por Raiany, Marta fica pronta, saímos pela porta dos fundos da casa para que pudéssemos evitar o contato com Alberto pai da Raiany. Seguimos passando por ruas estreitas e mal iluminadas do Bairro do Areal. Marta cumprimentava algumas pessoas, em sua maioria homens, alguns a tratavam como se fosse uma conhecida de muito tempo. Ela sempre fazia aquele caminho, praticamente na mesma hora, todos os dias da semana, para ir ao trabalho no Posto de fiscalização que fica entre os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte.

Chegando ao viaduto que separa Mamanguape em duas partes distintas, Marta permitiu que fossem tiradas algumas fotos dela, bando “*close*” no viaduto. Alguns



⁵ Nome dado para o local onde as travestis e prostitutas fazem programa.

⁶ Cheque é uma expressão usada por muitos gays e travestis para designar a limpeza anal, e evitar resquícios de fezes no ato da penetração anal.

garotos que transitavam de motocicleta gritavam palavras constrangedoras quando nós passávamos pela rua.

Marta ficou ao lado de Fórum de Mamanguape, para que de lá ela fosse pegar carona até a divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte. O segurança do Fórum que sempre a cumprimentava esse dia não o fez, certamente ficou constrangido por ela está acompanhada. Há todo um ritual religiosamente realizado por Marta, todo o dia antes de sair à noite para fazer programa, põe-se bela e cheirosa. “Tem gente que vê a gente assim toda arrumada e cheirosa, pensa que agente teve um dia maravilhoso, mais tu viu como foi”. Ela não leva para *rua*, extensão de suas práticas privadas, problemas ou angustias que acarretou durante o dia, ao contrário, usa todo seu charme e poder de sedução com os clientes.

Tempos mais tarde, Marta aceitou o convite de sua amiga, Rogerinha, também travesti que já fazia programa em Recife – capital de pernambucana, para se prostituir, conseguindo assim dinheiro mais rápido para por prótese de silicone no corpo, mas foi assassinada de forma violenta.

5 Morte de Marta

Marta foi a primeira travesti que tivemos contato, na cidade de Mamanguape, no início de 2009. Desde o primeiro encontro, durante a pesquisa de campo e conversas em sua casa, sempre foi simpática e atenciosa. Em nossas conversas, sempre a ouvíamos falar que “gostava de ajudar os outros”. Seu grande sonho era ajudar seus pais e voltar a estudar. E em busca desse sonho, e do desejo de tornar seu corpo mais belo, mais feminino, resolveu seguir seu caminho para Recife e ganhar dinheiro. Mas poucos dias depois foi brutalmente assassinada, como muitas outras jovens travestis, vítimas da violência e da homofobia/ transfobia.

Na capital do estado de Pernambuco no dia 05 de dezembro 2009 Marta foi assassinada e seu corpo encontrado em Jaboatão dos Guararapes/ PE. A morte de uma travesti nas ruas de Recife não é algo surpreendente, pois a capital pernambucana chama a atenção pelo alto índice de violência. O que surpreende foi a travesti ser Marta, porque depois de meses de pesquisa, ela sempre foi muito discreta, falava o necessário e rara as vezes falava mal de alguém e, quando o fazia, era sempre relativo à beleza ou ao comportamento. Mesmo quando saiu da casa de Rainy ela nunca falou mal de Zefinha, mãe de Raiany e dona da casa onde morou em Mamanguape. Querida pelos amigos mais próximos, solidária com a mãe e os irmãos, apesar de ter sido estuprada e posta para fora de casa quando era apenas uma criança de 12 anos, que gostava de usar as roupas das irmãs. Raiany amiga e algumas vezes companheira de “batalha” com quem Marta morou por cerca de três anos a define como:

(...) uma pessoa que não bebia, não fumava e nem roubava os clientes dela, ainda eu não acredito que aconteceu isso com ele, Rogerinha trouxe fotos. (...) Antes dela viajar, ela chamou minha mãe e deu umas coisas que ela tinha, olha a lembrancinha que

eu tenho da minha amiga, [Raiany apontava para a sapateira que Márcia tinha] a cama, ela deu para meu sobrinho.⁷

Antes de sair de Mamanguape rumo a Recife, Marta chamou a dona-de-casa Zefinha, mãe de Raiany, na qual residiu por cerca de três anos em sua casa para que pudesse doar os poucos móveis que tinha. A morte de Marta foi uma perda muito forte para os familiares principalmente a mãe:

[...] Rogerinha a travesti que levou ela (Marta) pra lá, veio com a cafetina pra avisar a família de Marta, disseram que a mãe dela caiu no choro. Reconheceu⁸ o filho, mas também só fizeram isso quando tá morto, tudo que eles fizeram com Marta, o pai estuprou ela, botou pra fora de casa, depois da desgraça feita aí que reconhece o que fizeram.⁹

Segundo relatório sobre a situação dos direitos humanos na Paraíba de 2009, produzido por organizações não-governamentais, militantes de Direitos Humanos, coletivos populares e movimentos sociais, mais de 90 pessoas foram assassinadas, e dentre as causas das mortes tem-se: esfaqueamento, tiro, estrangulamento, pauladas, pedradas, queimaduras e mutilação dos órgãos genitais, o que configura crimes com vieses homofóbicos e transfóbicos.

6 Mobilidade e demarcação de território

Muitas travestis não são oriundas das cidades onde residem, pois muitas trabalham como prostitutas e moverem-se significa aumentar o leque de clientes, além de uma forma de não ficarem marcadas no mesmo lugar, afinal de contas, “*tudo que é novo é novidade*”, esse é um dos motivos pelas quais elas transitam com frequência

A mobilidade entre casas da região é realizada com frequência na cidade de Mamanguape, as travestis circulam com muita facilidade. De repente a pesquisa muda de cenário, umas travestis mudam-se para outras cidades e outras vêm morar em Mamanguape. Marta e Claudia saíram da casa simples onde moravam, no bairro do Areal, agora as pesquisadas residem em um quatinho alugado no fundo de duas casas às margens da BR 101. Ao entrar em seu quarto, estava Natali, travesti alta, de corpo bem definido e feminino, ela era a companheira de quarto e Marta esporadicamente; ela passa uns dias em João Pessoa e outros em Mamanguape, principalmente em ocasiões festivas e para fazer programa no posto fiscal da divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte. Foi uma semana de festividades na cidade de Mamanguape, as meninas saíram todas para festa animada pela atração *Aviões do Forro*.

Ao conversar com Claudia, ela nos falou sobre a demarcação de território feita no posto fiscal no qual elas fazem programa, a demarcação de territorialidade assemelha-

⁷ Conversa informal na casa onde Raiany mora com a família no bairro do Areal na cidade de Mamanguape- PB no dia 17/12/2009.

⁸ O “reconhecer” mencionada por Raiany está ligado à concepção de reconhecer o que ele significava para eles. Os pais da travesti assassinada não tiveram condições financeiras para transportar o filho. Márcia foi enterrada no Recife.

⁹ Idem para nota de rodapé 7.

se com a etnografia que Don Kullick (1998) faz em Salvador, em que ele descreve a demarcação de território realizada pelas travestis na Bahia, essa prática também é realizada com as travestis da Paraíba. Para uma travesti *nova no pedaço* fazer programa tem que pagar, nem que seja um jantar para as travestis veteranas.



Quando a gente vai no lugar delas elas cobram da gente, então quando elas vem aqui eu faço questão de cobrar. Tem uma travesti que vem de Goiana [cidade que fica na divisa de Paraíba e Pernambuco] pra cá, e toda vez eu faço ela pagar meu jantar, se não ela não fica. (Claudia, travesti na Aldeia Camurupim, Marcação/PB)

Essa demarcação de territorialidade dá-se tanto na capital, João Pessoa, quanto nas cidades do interior. Em certas situações, em que travestis vão para um lugar sem serem acompanhadas de uma amiga, pode haver briga não somente verbal quanto física com as que já frequentam ponto há mais tempo.

7 Família e identidade

Em conversa informal com Natali, constatamos que a precocidade com que o “gayzinho” se transforma em travesti é muito comum. Natali veste-se de mulher desde os treze anos, o pai, por não aprovar o trajeito do filho, expulsou-o de casa, outro fato que também é comum com outras travestis, serem postas para fora de casa pelo pai.

Raiany é uma das poucas travestis pesquisadas que mora junto com a família e o marido na mesma casa, e o fato de ser casada com companheiro ciumento evita com que ela tenha contato frequente com outras pessoas, a não ser a própria família, que ganhou uma nova integrante, pois a filha de Nini, irmã de Raiany, havia nascido. Tirei algumas fotografias dela com o bebe recém-nascido para que ela tivesse lembrança da criança. A fotografia é uma forma de interação com as travestis, já que muitas gostam de ser fotografadas quando estão arrumadas. Raiany também deu a luz ao um “bebê boneca”, e que gostaria que fosse tirado foto dele. Raiany explicou que pegou um caixote de madeira de carregar verdura na feira, faz um berço e, em seguida, pôs uma boneca que a cunhada dela havia lhe dado de presente, e concluiu dizendo que sabe fazer “artesanato” e que era muito habilidosa com as mãos, Essa atitude só exterioriza mais o desejo de se sentir mulher por parte dela. “Eu já acostumei, eu me sinto mulher. Eu quero assim uma pessoa que tome conta de mim do jeito que eu sou. Assim igual uma mulher normal, eu quero é ser mais mulher daqui para frente”.

Na etnografia realizada por Marcos Beneditti (2005) com travestis de Porto Alegre, ele destaca que a maior das famílias das travestis na qual ele teve contato durante a pesquisa, “tem trajetória das classes de baixo nível econômico”, mesmo que possa ser possível detectar algumas diferenças nos níveis de renda, “o histórico de privações materiais e trabalho intenso é uma constante na vida as travestis”. Mesmo sendo trabalhos realizados com diferença local e temporal, podem-se perceber que as

famílias das travestis, tanto em Porto Alegre, quanto no Litoral Norte da Paraíba, não se distanciam no que diz respeito a seus níveis econômicos.

Para Hélio Silva, (2007, p 182) em seu livro *TRAVESTIS: entre o espelho e a rua*:

parece que o travesti assiste a seu próprio nascimento e se diz pela primeira vez: eu sou menina. E toda sua vida será consumida na produção e proteção dessa menina, que reivindica para si todas as complexas aspirações de qualquer outra, inclusive a mais notável sobre elas: torna-se mulher.

Ao analisar as transformações corporais das travestis do Vale do Mamanguape, foi possível notar a precocidade com que elas são realizadas. É ingerido hormônio feminino quando se é ainda muito jovens, por volta de 12 anos, pois para elas o quanto antes melhor para dar ao corpo biologicamente masculino traços arredondados, para que fique mais parecido com aspectos femininos, no entanto, tornar-se mulher não é um desejo compartilhado por todas as travestis no Litoral Norte paraibano, há aquelas que querem “virar homem”, o que poderia se chamar de variação de gênero.

8 Virar homem?

O discurso envolvendo o assunto “*virar homem*” era bastante mencionado e ao assuntar sobre o tal tema, chegamos à seguinte conclusão: virar homem, naquele contexto, não estaria ligado ao fato de torna-se heterossexual, mas também à estética do corpo, muitas pensam que deixar de lado os cabelos longos, roupas sumárias e o salto alto, proporcionar-lhes-iam maiores chances de conseguir um emprego formal, na maioria das vezes, no comércio da cidade.

Em conversa informal de Celso, ex-travesti relata que a decisão de “virar homem” não estava diretamente relacionada ao desejo heterossexual, no entanto, estava intimamente ligada à inserção no mercado de trabalho formalizado: “Ser assim como elas (travesti) é muito difícil arrumar um emprego”.

No entanto, há outros que querem voltar a ser homem e constituir uma família e ter filhos, pelo fato de não querer envelhecer travesti, pois, como ressalta Claudia: “travesti velho é feio”. Mas há aquelas que desejam ser apenas “gayzinho”, concluir os estudos e trabalhar formalmente:

Se eu pudesse, eu não seria desse jeito (travesti) assim não, mas pelo que o meu pai faz comigo eu não tive escolha, por mim, eu queria terminar meus estudos, trabalhar e ajudar em casa, mas ele me expulsou [...] eu entendo ele, ele tava com medo que eu falasse pra os zoto o que ele fez comigo [...] se tu visse a cara dele, parece um santo.¹⁰

Mário que virou Marta é a única travesti entre os dezessete irmãos do casal, do interior da Paraíba, era uma menina, no sentido subjetivo do termo, que tinha vontade de ajudar a família e sempre presenteava as irmãs e com isso ser aceita como uma delas.

¹⁰ Entrevista concedida em um quartinho alugado por Marta as margens da BR 101, na cidade de Mamanguape-PB no dia 16/09/2009.

9 Violência: roubo ou “elza”?

A violência fez-se muito presente durante a pesquisa, foi marcado por relatos de tortura, tentativa de homicídio e assassinato de travestis. Dessa vez, foi com Ilma, travesti secretária do lar que trabalhava na pousada das Ocas, na Baía da Traição, com carteira assinada, o que não é muito comum de acontecer, apesar de ser lei, em que todos os trabalhadores devem ser devidamente registrados.

Claudia, ainda triste por causa do assassinato da amiga Marta, quem falou de Ilma, travesti de 30 anos, que não se prostituía, e que sofreu o atentado contra sua vida por falar mais do que devia. O motivo para tal violência, nas palavras de Claudia, foi o seguinte:

[...] o ex-caso de Ilma era um macho casado, e ela pra dar uma de gostosa foi falar pra mulher dele e saiu dizendo que penetrava ele, e você sabe essas coisas não se comenta. Ela sabia que ele era perigoso, ex presidiário e tava solto há dois meses, ele já tentou pegar ela antes, mas não deu, dessa vez ela foi pra festa de Reis em Itatororoca e ele não saía do pé dela, ela entrou no carro (lotação) pra vir embora e ele entrou atrás, os dois ficaram bebendo ali (apontou com o dedo para um barzinho do outro lado da BR 101, próximo ao cabaré Tropical), depois ele chamou ela pra sair e veio ali pra trás, ele retalhou o corpo dele como se retalha peixe, cortou o cabelo aqui de trás (mostrando a parte da nuca) com couro e tudo, arrancou 3 dedos da mão direita, cortou a boca (sentindo bochecha para os dois lados) 50 facadas e várias pauladas.¹¹

Ilma não morreu, mas ficou internada na UTI de João Pessoa, por alguns dias. Claudia relatou que Marta também foi muito torturada antes de morrer, sofreu choques, quebraram-lhe as duas pernas e deram oito tiros, tais informações, segundo ela, foram dadas através do laudo médico. Claudia, ainda estava sentida pela morte da amiga, e mostrou duas fotos em que estavam juntas com roupas íntimas; ambas usavam calcinha. Relatando os vinte dias no qual ela ficou muito mal, disse que, quando Robertinha, travestis que convidou Marta para fazer programa em Recife- PE, e a cafetina vieram avisar sobre a morte de Marta, foi ela quem levou as duas na casa dos pais de Marta, mencionou o fato de a amiga ter sido morta, na madrugada do dia 6 de dezembro de 2009, e que na segunda-feira da semana seguinte iria levar dinheiro para os pais, no sítio Uruba, município de Mataraca. O dinheiro que supostamente Marta levaria para os seus pais não apareceu.

O ato de furto e roubos realizado contras as travestis é mais comum do que se imagina e, na maioria das vezes, elas não vão à, por conhecer o seu agressor e não querer causar revanche por parte deles. Toda vez acontece isso com a gente, a gente é muito visada, todo canto que agente mora acontece, eles entram para roubar. (palavras de Marta)

¹¹ Entrevista informal, na calçada do quartinho alugado por ela, as margens da BR 101, na cidade de Mamanguape- PB, no dia 09 de janeiro de 2010.

Ao perguntar a Brenda, travesti de 18 anos, que mora com os avós em Mamanguape, sobre a “elza”, nome usado para indicar roubo realizado por muitas travestis e prostitutas, frequentemente, contra os seus clientes ela diz: eu num dou a elza em todos os clientes, é só naqueles que a gente faz programa e não quer pagar, aí eu dou a elza neles.

A “elza”, nesse contexto, é uma forma de vingança contra os clientes que não pagam devidamente o trabalho oferecido por elas. “Elza” também é usada como um código por elas, como formas de proteção contra os clientes que as travestis já sabem que costumam roubar, antes ou após o programa. Geralmente elas usam a seguinte frase: “*cuidado mona, olha a elza*”.

10 Considerações finais

As travestis no Vale do Mamanguape vão construindo suas identidades, muitas vezes, a partir de uma auto-orientação, e depois com a ajuda de amigas mais velhas transformam-se em travestis. Para essas pessoas, a subjetividade feminina expressa-se por meio de uma estética própria, com muitas curvas e roupas provocantes. Mas isso não é uma regra aplicada a todas, pois há as que se reconhecem como travestis sem abrir mão da sua subjetividade masculina, mantendo esporadicamente desejos e relações até mesmo sexuais com mulheres e buscando uma matriz heterossexual em suas práticas e visões de mundo.

Observamos uma fluidez da identidade de gênero e dos relacionamentos de socialização que há entre elas. A todo o momento elas reconstroem e desfazem suas redes de relações e apresentam uma constante mobilidade por países, estados, cidades e residências na região. Mover-se faz parte da construção de sua identidade e composição de sua sociabilidade. Essa flexibilidade apresenta-se também pelo fato de muitas usarem a prostituição como meio de renda.

Referências

- ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A princesa:** depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- COSTA, Adailton Coelho. **Mamanguape, a fênix paraibana.** Campina Grande, Paraíba: Grafset, 1986.
- DA MATA, Roberto. **A casa e a rua.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DON, Kulick. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade.** Rio de Janeiro: Graal, 1999. v. 2.
- PATRÍCIO, Cecília. **No truque:** Transnacionalidade e Distinção entre travestis brasileira. UFPE/ CFCH. Antropologia, Recife/PE, 2008.
- _____. **Travestismo.** Mobilidade e construção de identidade em Campina Grande. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, Recife, 2002.
- PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti. In: **Cadernos Pagu.** Campinas, v. 25, p. 217-248, 2005.

_____. Travestis brasileiras: singularidades nacionais, desejos transnacionais. **26^a Reunião Brasileira de Antropologia**. Porto Seguro, Bahia, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, 2003.

SILVA, Hélio R.S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Artigo recebido em 04 de outubro de 2010.

Aprovado em 30 de dezembro de 2010.